

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

MARIA PAULA CANDIDO DA SILVA

**SER SALA VERDE UFSC:**  
**Educação ambiental pela extensão do vivido e do inventado**

Florianópolis  
2018

MARIA PAULA CANDIDO DA SILVA

**SER SALA VERDE UFSC:  
Educação ambiental pela extensão do vivido e do inventado**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. M.e Davi Henrique Correia de Codes.

Florianópolis  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Maria Paula Candido da  
SER SALA VERDE UFSC : Educação Ambiental pela extensão  
do vivido e do inventado / Maria Paula Candido da Silva ;  
orientador, Davi Henrique Correia de Codes, 2018.  
41 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências  
Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas, Florianópolis,  
2018.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. Projeto Sala Verde. 3.  
Educação Ambiental. 4. Narrativas Ficcionalis. 5. Formação.  
I. Codes, Davi Henrique Correia de. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas.  
III. Título.

Maria Paula Candido da Silva

**SER SALA VERDE UFSC:  
Educação ambiental pela extensão do vivido e do inventado**

Esta Monografia foi julgada adequada para obtenção do Título de Licenciada e aprovada em sua forma final pelo Curso de Ciências Biológicas.

Florianópolis, 21 de Junho de 2018.

---

Prof.º Dr.º Carlos Roberto Zanetti.  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof.º M.e Davi Henrique Correia de Codes  
Orientador  
(UNICAMP)

---

Prof.º Dr.º Leandro Belinaso Guimarães  
Membro da banca  
(UFSC)

---

Prof.º Dr.º Eduardo Silveira  
Membro da banca  
(IFSC)

---

Prof<sup>ª</sup> M.e Marlene Alano Coelho Aguilar  
Suplente  
(UFSC)

Dedico este trabalho a vocês, *mamãe e papai*,  
sem vocês isso tudo não seria possível.

## Agradecimentos

Tá aí, uma seção que eu imaginei que tiraria de letra, mas que já escrevi, apaguei e refiz muitas vezes, e ainda assim fica difícil conseguir agradecer à todos que eu gostaria. Mas cada pessoa que passou na minha vida e contribuiu com essa trajetória terá sempre meu agradecimento...

Família. Sim, ela é a base de tudo e é por aqui que começo. Sei que só cheguei até aqui porque eu tenho uma família maravilhosa, que apoiou-me em todos os momentos. Mamãe e papai, obrigada por tudo, sei dos sacrifícios que vocês fizeram para que eu conseguisse estar aqui hoje. Lu, amor, se estou aqui é por causa de você, literalmente, obrigada por estar presente em todos os momentos. Larissa, apesar de todas as brigas, irmãs são pra sempre, né? Obrigada família, amo muito, cada um de vocês.

Obrigada Equipe/Família Sala Verde. Marlene, sempre tão mãezona de todos, obrigada por ter permitido-me fazer parte da equipe lá em 2012, este trabalho possivelmente não existiria se não fosse isso. A todas as pessoas que passaram pela Sala Verde, muito obrigada, cada uma deixou sua marca e contribuição na minha vida.

Agradeço ao meu orientador Davi, por ter aceitado fazer parte deste momento tão importante, e ter inspirado-me, ajudado-me tanto e sempre responder com toda paciência do mundo minhas dúvidas infinitas. Aprendi muito com você, muitíssimo obrigada.

Sempre ouvi que “*amigos são os irmãos que tivemos a chance de escolher*” e eu sou imensamente grata por ter amigas e amigos tão essenciais! Não vou agradecer um por um, sei que vocês sabem da importância de cada um na minha vida. Obrigada amigos: da Sala de Ciências do SESC Prainha, da biologia, da UFSC, de Curitiba, dos grupos de Internet/WhatsApp. Eu amo cada um de vocês!

Muito obrigada Leandro e Eduardo por aceitarem o convite de fazer parte desta banca e pela inspiração.

Não posso deixar de agradecer a todas as professoras e professores maravilhosos que passaram pela minha vida, alguns deixaram marcas eternas no meu coração.

Obrigada, obrigada e obrigada!

“It’s amazing  
With the blink of an eye you finally see the light  
It’s amazing  
When the moment arrives that *you know you’ll be alright*”  
(Aerosmith - Amazing)

## RESUMO

Este trabalho versa sobre reflexões e criações que partem da minha experiência, memória e inventividade junto a Sala Verde UFSC, ao longo da minha jornada na formação inicial docente, no curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina. A Sala em questão é um espaço dentro da Universidade, vinculado a Pró-Reitoria de Extensão. As Salas Verdes fazem parte do Projeto Salas Verdes, criado pelo Ministério do Meio Ambiente e que tem como objetivo trabalhar e disseminar a Educação Ambiental no país. Em 2012, após o meu ingresso na Universidade, comecei a fazer parte da equipe Sala Verde UFSC e desde então o meu interesse pela área da educação, e principalmente pela educação ambiental tornou-se evidente. Diante das vivências que tive junto a Sala, e interessada nas trajetórias da minha formação como bióloga, professora e educadora ambiental, realizei esta pesquisa com o objetivo de: discorrer e ficcionalizar sobre o potencial formativo que a Sala Verde UFSC oferece, a partir das experiências que me atravessaram. Neste sentido, esta pesquisa se desenvolveu com natureza qualitativa, partindo da perspectiva das pesquisas em Educação baseadas em experiência, memória e (auto)biografia, e teve como metodologia a criação de microcontos e imagens que partem da noção de *narrativa ficcional*. Desta maneira, neste emaranhado de teias em que experimento juntar minha bagagem de lembranças, experiências, sentimentos e sensações, demonstro algumas pistas da potência formativa junto a Sala Verde UFSC, evidenciando aquilo que *me aconteceu* e (trans)formou em termos poéticos, afetivos e profissionais em meio a Educação Ambiental. Sendo assim, reafirmo meu desejo de compartilhar estas narrativas sobre como Ser Sala Verde com outros sujeitos e educadores(as) e quem sabe poder transportar cada leitor(a) para dentro das cenas que se formam através das minhas recordações/invenções.

**Palavras-chave:** Projeto Sala Verde; Educação Ambiental; Narrativas Ficcionalis; Memória; Formação.



## ABSTRACT

This paper gathers reflections and creations from my own experience, memory and inventiveness in Sala Verde UFSC throughout my journey in early teacher training as an undergraduate majoring in Biological Sciences in the Federal University of Santa Catarina (UFSC). The Sala Verde UFSC is a space within campus and under the auspices of the Prorectorate for Outreach and Extension (PROEX). Sala Verdes UFSC are part of the Salas Verdes Project, created by Ministry for the Environment, which aims to implement and disseminate Environmental Education in the country. In 2012, shortly after I enrolled at UFSC, I joined the team at Sala Verde UFSC and since then have focused on education, specifically environmental education. Considering my experiences in Sala within the broader scope of my formal education as a biologist and interest in teaching, I conducted this research with the goal of delineating and fictionalizing the formative potential that the Sala Verde UFSC might offer. This is thus a Qualitative Research which makes use of the perspectives acquired from research in Education as well as personal experience, memory and (auto)biography. The method of research was the creation of several flash fictions and images which constitute a *fictional narrative*. I have endeavoured to demonstrate formative potential of Sala Verde UFSC through this tangle of webs in which I attempt to put my baggage of memories, experiences, feelings and sensations, hoping to highlight poetically what exactly *transformed me* as pertains to Environmental Education. Therefore, I reaffirm my desire to share these narratives about how *to be Sala Verde* with other subjects and educators and perhaps carry each and every reader into the scenes that are formed through my memories/inventions.

**Palavras-chave:** Sala Verde Project; Environmental Education; Fictional Narratives; Memory; Formation.

## **Sumário**

<b>1. CAMINHANDO ATÉ A DOCÊNCIA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL .....</b>	<b>11</b>
1.1. Do primeiro estágio na Sala Verde UFSC até o TCC .....	14
1.2. O verde na Sala da UFSC .....	15
<b>2. O ENCANTAMENTO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....</b>	<b>18</b>
2.1. Os propósitos dessas memórias .....	22
2.2. Educação ambiental - dentro da minha jornada.....	23
<b>3.O PASSO A PASSO.....</b>	<b>28</b>
<b>4. DA CONTAÇÃO À/SER VIDA - <i>Se aquela casinha verde falasse</i>.....</b>	<b>29</b>
<b>5. CONCLUSÕES POSSÍVEIS - <i>ou uma carta para (re)inícios de possibilidades</i>.....</b>	<b>37</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## **1. CAMINHANDO ATÉ A DOCÊNCIA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Meus amigos costumam dizer que já morei em muitos lugares, praticamente uma nômade. Não concordo. Apesar de ter nascido em Brasília, e morado por alguns meses em Uberlândia, é Curitiba que eu considero minha terra natal. Foi na cidade do leite e do café (e sim, a vogal *e*, é devidamente pronunciada) que completei minha educação básica.

Desde que me entendo por gente, considero-me uma pessoa curiosa. Os “porquês” da vida constantemente estavam na minha cabeça. Meus pais sempre foram ótimos incentivadores, e sei que estavam sempre fazendo o possível (ou até o impossível) para que eu tivesse o melhor ensino, dentro das possibilidades existentes. Concluí o ensino fundamental em uma pequena e familiar escola particular, tive praticamente os mesmos amigos e professores me acompanhando desde os três aos treze anos. A diretora e dona da escola era como uma segunda mãe, dona Maria Wilsa, que estava sempre disposta a nos ajudar. Apesar de ser uma escola pequena, tinha ótimos professores, e com cinco anos eu já sabia ler e escrever. Considerava-me uma boa estudante, gostava de todos meus professores, tirava sempre notas altas.

Na transição do ensino fundamental para o ensino médio, prestei um exame, similar ao vestibular, para ingressar no colégio mais tradicional de Curitiba, o Colégio Estadual do Paraná, ou como costumamos chamar, CEP. Foi um divisor de águas na minha vida estudantil. Uma mudança da água para o vinho. Saí de uma pequena escola de bairro e fui estudar em uma enorme escola histórica, que tem hoje mais de 170 anos, possui laboratórios de biologia, física, química, informática, piscina olímpica, pista de atletismo, planetário... Eu já gostava de estudar, mas ao pisar pela primeira vez no CEP é que descobri um mundo de possibilidades. Os laboratórios sempre eram as aulas que eu mais gostava, mas o de biologia sem dúvida era o meu preferido.

Ainda em Curitiba buscando uma maior independência, acabei rumando para outras áreas. Fiz um curso de aprendizagem industrial em eletrônica pelo SENAI, que me proporcionou um estágio como aprendiz em uma fábrica multinacional de colheitadeiras e tratores. Mesmo a biologia sendo uma área que sempre fui totalmente fascinada, posso dizer que também foi a curiosidade que me motivou a cursar primeiro eletrônica. Se eu queria saber como a vida funcionava, por que não saber como circuitos elétricos funcionam?!

Circunstâncias da vida acabaram trazendo minha família para Santa Catarina, e aqui segui minha jornada. Apesar de ter concluído o ensino médio em 2008, devido às eventualidades da vida, só em 2011 retomo meus estudos. Para tentar seguir com um plano de carreira em uma loja multinacional varejista optei por começar um curso de administração em uma universidade privada. Eu não gostava. Sabia disso. Adorava o emprego, odiava a administração. Talvez o curso de eletrônica tenha me deixado mais resistente, eu precisava de desafios para me estimular, e o curso de administração não era nada estimulante. Monótono, é a palavra com que defino. Tudo que eu via na teoria, eu já usava na prática há muito tempo. E isso foi desanimando-me. Gastava todo meu salário em um curso que eu sabia que não gostava. Minha mãe, percebendo isso, incentivou-me a prestar o vestibular para a UFSC, e foi isso que fiz. Assim, como quem não quer nada, só para apostar na sorte.

A ideia de cursar uma licenciatura me assustava. Apesar de ter sido a minha escolha na hora de preencher os dados para o vestibular, eu o escolhi por ser o único curso de ciências biológicas noturno, eu não tive outra opção, já que biologia sempre foi minha paixão. Inscrevi-me no vestibular para ingresso em 2012 e passei, já estava mais perto do meu sonho! Matriculei-me para o segundo semestre com uma bela coincidência, minhas aulas começaram exatamente no dia que se comemora o dia do biólogo, três de setembro. Com todo o burocrático da matrícula resolvido, minha meta parecia cada vez mais simples: pedir transferência para o curso diurno (o que me possibilitaria o diploma de bacharel) o mais rápido possível. Mas eu também tinha outra meta: conseguir um estágio na UFSC, mesmo se tratando de uma Universidade Federal, pública e gratuita, eu tinha gastos e estava desempregada, e precisava de uma maneira de poder bancar meus estudos. Conseguir uma bolsa-estágio era a melhor forma, pois eu teria um auxílio financeiro, além de poder me incluir em algum laboratório ou atividade relacionada ao curso. E foi na busca de realizar essa segunda meta que tudo na minha vida mudou!

Acabei me inscrevendo para um tipo de bolsa-estágio para alunos com vulnerabilidade econômica, na época chamada de bolsa-permanência. Fui contemplada pela bolsa e através dela, eu receberia um valor para me ajudar a permanecer estudando, desde que atuasse 20 horas semanais em algum laboratório ou projeto. Foi então que surgiu a Educação Ambiental (EA) na Sala Verde UFSC. Através desse programa de permanência consegui o tal “estágio remunerado” na Universidade, e logo no primeiro semestre! Era algo que eu não podia deixar escapar! Eu nunca tinha ouvido falar em nenhuma Sala Verde até o momento da entrevista para a vaga. Deu tudo certo, a

entrevista foi boa, a coordenadora me explicou sobre o espaço e quis saber um pouco sobre mim, e dentro de alguns dias já fui fazer parte da equipe. No começo era tudo novidade, precisei focar no projeto que eu iria atuar primeiro. Entendi o projeto em si, e teria que estudar também sobre a Mata Atlântica. O projeto chamava-se *Educar Brincando: A Mata Atlântica em Foco*. Tinha como objetivo principal deste projeto, sensibilizar as pessoas para a realidade deste bioma que é tão diverso, com tantas espécies endêmicas, mas que hoje encontra-se seriamente ameaçado. Através de um jogo eletrônico totalmente desenvolvido na UFSC pelo Laboratório de Educação Cerebral (LEC), de jogos de tabuleiros, de contação de histórias, de músicas e outras atividades, o assunto ia sendo tratado principalmente com turmas de escolas e buscávamos uma reflexão sobre a importância e a realidade do bioma.

Eu estava tranquila por um tempo, só estudando e aprendendo coisas para conseguir me incluir no funcionamento da Sala. Na época, o espaço funcionava das treze às dezessete horas, com uma bióloga que coordenava as atividades e três bolsistas. Os atendimentos às turmas funcionavam com data e horário marcados, e nos dias sem atendimento, procurávamos aprimorar o projeto, pesquisando conteúdos, elaborando atividades, escrevendo histórias e contos.

Mas se tratando de um projeto de extensão com EA, o dia de colocar em prática todo esse conhecimento que eu vinha adquirindo havia chegado:

Do ônibus descia uma turminha, acompanhada de duas professoras. Foi feita uma contagem rápida.

Eram 20 pessoinhas curiosas, na faixa de 6 anos. Sentaram todos nos tapetes, a turma, as professoras e as bolsistas, equipe da Sala.

Uma apresentação. Cada um falou seu nome.

Depois teve a parte divertida:

“Quem gosta de ouvir histórias?”

Várias mãozinhas levantaram rapidamente.

Teve história, teve brincadeiras.

Depois foram embora, aquele tchau de longe enquanto as crianças caminhavam para o ônibus.

Passou rápido,

mas aquelas poucas duas horas foram suficientes para se eternizar..<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Microconto intitulado *Sobre as primeiras histórias*, de autoria da Maria Paula.

Confesso que estava bem apreensiva. Eu não tinha muita experiência com crianças e tinha acabado de chegar na Sala. Acabei sendo mais coadjuvante nesse dia. Auxiliei com os materiais e as atividades, mas o melhor foi poder observar a maneira como as coisas iam acontecendo e já ir pensando como eu agiria com as próximas turmas.

Foram esses momentos em contato com as turmas que diminuíram o meu medo da licenciatura e me conquistaram mais, dia após dia.

Paralelamente ao estágio aconteciam as aulas da graduação. O primeiro semestre do curso era algo mais introdutório. Eu cursava sete disciplinas, uma era apresentação do curso, três eram mais relacionadas à biologia, algo bem básico, e três eram mais voltadas para a licenciatura. Eu não gostava muito da ideia de ter todo esse conteúdo pedagógico, sendo que até ali eu não queria ser professora. Lembro-me até hoje dos primeiros dias de aulas. Ao se apresentar, alguns(mas) professores(as) perguntavam para a turma: “Quem quer ser professor(a) de biologia?”. Eu não levantava, e mesmo sem levantar a mão já sentia um arrepio. Era o medo de pensar em ser professora. Um medo abstrato e quase injustificável, afinal, eu sempre admirei muito todas minhas professoras e professores, mas a desvalorização com que estes são tratados não me animava a seguir esse caminho.

Uma das três disciplinas voltadas para a licenciatura era a do professor Jéferson Silveira Dantas, bacharel em história e doutor em Educação, foi ele (e as suas aulas cheias de amor pela educação) que plantaram a semente da docência em mim, juntamente ao estágio da Sala Verde, local e vivências que fizeram germinar a semente da EA.

### **1.1. Do primeiro estágio na Sala Verde UFSC até o TCC**

Fiquei aproximadamente um ano e seis meses na Sala Verde UFSC. Ao longo deste período consegui vivenciar muitas coisas, fui me aproximando da EA e já até conseguia ver isso como uma possibilidade para o futuro de atuação e formação profissional.

A educação e a docência tinham me conquistado de uma forma que os dias de recebimento de turmas na Sala Verde já eram poucos, diante da vontade de ter mais contato com o público escolar. As visitas eram agendadas, aconteciam em uma frequência variada, às vezes uma vez por semana, outras vezes só a cada quinze dias. Eu desejava mais!

Estava gostando muito da área, apesar de ser meu primeiro contato com ela. Naquele tempo eu não pesquisava sobre EA, apenas seguia meus instintos e trabalhava de

forma mais empírica. Hoje, depois de estudar e ler sobre o assunto, penso que é um tema muito mutável e que permite várias interpretações e entendimentos. O meu entendimento é que ela é fundamental para o bom funcionamento do meio em que vivemos, não é apenas preservar as florestas, vai além disso, extrapola para os campos sociais e políticos, como ainda para a dimensão dos afetos. Retornarei a esta reflexão ao longo deste trabalho.

Como a área da licenciatura estava chamando a minha atenção, eu também queria ter uma experiência maior dentro de escolas, e por causa disso me inscrevi para participar do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) da Biologia.

O projeto do PIBID-Biologia trabalha comumente dentro da escola com atividades extracurriculares, revolvendo o conteúdo, arando o currículo e criando outras formas. Nem sempre era possível tratar questões ambientais nessa minha vivência, mas sempre que possível eu buscava essa integração. As atividades realizadas na escola iam desde acompanhar as aulas e auxiliar os professores, organizar feiras de ciências e exposições de divulgação científica nas escolas, até realizar a montagem de um *Clube de Ciências*, e esta foi a parte que eu mais gostei. Um conteúdo da área de ciências era escolhido e trabalhávamos ele com os estudantes da escola no horário do contraturno. Procurávamos fazer experimentos e fazer coisas para conquistar o interesse dos participantes. Durante os dois anos em que estive no PIBID, a educação foi mais protagonista e a parte ambiental ficou mais latente dentro de mim. Apesar do meu grande interesse pela área, nesse período, ela se fez presente apenas nas minhas práticas pessoais e cotidianas fora da escola.

Foi então que em maio de 2016, retornei para a Sala Verde já com a intenção de estruturar uma proposta para desenvolver um TCC em EA, e neste sentido, utilizar a minha experiência, percepções e sensações como bolsista da Sala Verde UFSC para isso.

## **1.2. O verde na Sala da UFSC**

Foram tantos momentos vivenciados naquele espaço, que hoje tudo aquilo me é muito familiar. Meus olhos já estão acostumados àquele espaço, e por mais que eu saiba a disposição de cada coisa, é bem difícil traduzir ou descrever essa “fotografia emocional” em palavras.

Era a Sala Verde. De paredes verdes.

Verde como as folhas dos galhos das árvores em frente.

Verde como a grama do gramado onde as crianças correm felizes.

Verde como era o país antes do seu “descobrimento”.

Verde, mas não como a monocultura de *Pinus*.

Verde como toda a biodiversidade de

verdes da Mata Atlântica.

Verde. Apenas

verde.

Verde como as paredes daquela Sala

**Verde.**<sup>2</sup>

A Sala localiza-se no prédio da Biblioteca Universitária. Há um acervo com alguns materiais relacionados à EA, como livros, DVDs e folders, já que uma das atribuições das Salas Verde, segundo o projeto oficial do Ministério do Meio Ambiente (MMA), é ser um espaço de disseminação de informação e compartilhamento de saberes. É uma sala diversa e colorida. Nas paredes, banners e painéis de trabalhos do projeto (atuais e anteriores). Na prateleira e sobre as mesas, há vários objetos e materiais obtidos através de oficinas realizadas. Vale dizer que as oficinas fazem parte de outro projeto da sala (*Oficinas para uma Vida Melhor*) que visa essa disseminação de informação, sendo um ótimo momento de articulação entre a comunidade acadêmica e a comunidade em geral, ou entre outros grupos que trabalham com projetos com o mesmo foco.

Em outra parte do espaço, há alguns computadores que são utilizados em momentos de recepção de turmas, principalmente para que as turmas possam conhecer o jogo eletrônico sobre a Mata Atlântica, material que é gratuito, e como dito anteriormente, é usado durante as ações do projeto *Educar Brincando – a Mata Atlântica em foco*.

Na biologia aprende-se que o coração é uma estrutura fundamental para a sobrevivência de vários animais, já que bombeia o sangue oxigenado e nutre todo o corpo. O coração é central e quando existe, localiza-se no centro de cada organismo.

Fazendo um comparativo, e curiosamente diferente aqui, é na área externa da Sala que fica o seu coração.

*Como pode o fora ser o centro?*

*Talvez não haja dentro e fora.*

---

<sup>2</sup> Microconto intitulado *Sobre tons de verde*, de autoria da Maria Paula.



Um tão privilegiado espaço que é palco de grande parte das atividades e dos sorrisos: o gramado.

Logo ele, tão importante para a Sala, e que passa despercebido para a maioria dos estudantes da Universidade que se locomovem apressadamente pelas calçadas.

A maioria das pessoas nunca repara nos calçados de quem caminha a sua frente, sequer repara nas árvores, muito menos na horta que está sendo cultivada com tanto amor dentro do campus.

*Em algumas tardes tudo se transforma!*

A área externa ganha ainda mais vida. Recebe turmas ali, e integra e interage um pouco mais com a natureza, pelo menos um pouco mais consciente que a faz, e mesmo em meio a tanto concreto e barulho do trânsito, é possível ouvir o canto dos pássaros e as folhas das árvores balançando com o vento.

Um tempo para desapressar. Esse é o oxigênio gerado ali e pelo gramado, esse espaço ao ar livre que torna tudo mais potente.<sup>3</sup>

Agora, já que começamos esta caminhada por uma breve apresentação de minhas motivações, convido a todas e todos para que continuem com minhas memórias e reflexões neste TCC. Como instruções, descrevo a seguir de que maneira o texto está organizado. Seguiremos nas minhas inspirações, com alguns referenciais e conceitos que me motivaram neste caminhar. Em seguida, um breve passo a passo para explicar um pouco mais dos modos que escolhi percorrer esta pesquisa e escrita do trabalho. Atentando que desde o princípio, este TCC tem todo o seu corpo/lugar/bordas, atravessados pelas minhas vivencinvenções ou invencivivências, traduzidas em microcontos e imagens<sup>4</sup> um tanto despretensiosas. Contudo, será mais a frente em uma seção mais particular, que trarei um arranjo maior desta coleção de criações que buscam tornar essa imersão nos fios de minhas narrativas ficcionais, algo ainda mais (des)emaranhado. E por fim, um diálogo (im)possível sobre as conclusões e (re)inícios de todo este trajeto.

---

3 Microconto intitulado *Sobre a potencialidade oxigênica*, de autoria da Maria Paula.

4 Todas as fotografias são do acervo da Sala Verde UFSC.

## **2. O ENCANTAMENTO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Para entendermos o que é a EA, cito o Art. 1º da Política Nacional de Educação Ambiental, cujo campo designa-se pelos:

(...) processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.(BRASIL, 1999)

Para explicar melhor o contexto deste trabalho, é necessário apresentar um pouco mais de que “espaço” estamos falando e onde habitei para falar sobre EA. As Salas Verdes são espaços que fazem parte do Projeto Salas Verdes que foi criado pelo MMA, no ano 2000, a fim de incentivar espaços socioambientais a continuarem disseminando informações ambientais pelo Brasil.

Sala Verde é um espaço definido, vinculado a uma instituição pública ou privada, que poderá se dedicar a projetos, ações e programas educacionais voltados à questão ambiental. Deve cumprir um papel dinamizador, numa perspectiva articuladora e integradora, viabilizando iniciativas que propiciem uma efetiva participação dos diversos segmentos da sociedade na gestão ambiental, seguindo uma pauta de atuação permeada por ações educacionais, que caminhem em direção à sustentabilidade. (MMA, 2000)

Para ser uma Sala Verde oficial é um tanto quanto burocrático, por isso há locais que realizam atividades de educação ambiental citadas pelo MMA, mas não passaram pelo edital. Segundo dados oficiais do MMA, hoje temos 357 Salas espalhadas por todo o país, e no estado de Santa Catarina eram apenas 5. Importante ressaltar que estes números aumentaram, já que em 2017 foi aberto um edital para a criação de novas Salas Verdes e em 2018 novos espaços já foram oficializados pelo MMA.

A Sala Verde UFSC tem o diferencial de estar vinculada à Universidade Federal de Santa Catarina. Foi criada há 14 anos, e hoje faz parte da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), atuando na comunidade acadêmica e fora dela, com trabalhos de extensão.

Pode-se dizer que a Sala Verde UFSC foi criada e pensada para trabalhar em três focos: *I- Espaço Referência*, sendo uma referência sobre assuntos que abordam o meio ambiente e ações socioambientais, onde se encontra o acervo bibliográfico que está disponível para consulta e empréstimo, localizado na Biblioteca Universitária da UFSC,

do campus Trindade; *II- Espaço Disseminação*, que diz respeito principalmente às atividades mais práticas que envolvem oficinas e o compartilhamento de saberes, como o projeto *Oficinas para uma Vida Melhor*; e *III- Espaço Articulação*, que visa unir forças e aproximar projetos e sujeitos que atuam com ações de EA. Todas as ações, projetos e sujeitos que conheci neste ambiente tão diverso somaram à minha trajetória experiências e saberes únicos, fortalecendo desde o início os meus laços com a EA.

As trajetórias dos sujeitos ecológicos em geral e a dos educadores ambientais em particular podem ser pensadas como constitutivas de um grupo social em particular. Os percursos pessoais e profissionais que aí se estabelecem atualizam possibilidades e reeditam as tensões abertas pelo contexto histórico e vivencial em que esse grupo está imerso. (CARVALHO, 2002, p. 29)

Embase-me nos escritos da professora Isabel de Carvalho (2002) e assim afirmo que minha trajetória na EA foi iniciada na Sala Verde UFSC, com todas suas possibilidades e juntamente com os diversos sujeitos que estiveram presentes durante a minha caminhada. Como dito anteriormente, até começar na Sala Verde UFSC, eu nunca havia refletido sobre EA. Hoje sei que o meu trabalho como educadora ambiental foi tornando-se mais rico devido à tantas experiências, por ter tido a possibilidade de fazer parte deste projeto. Estou ciente que nessa trajetória dentro da UFSC, a Sala Verde já passou por vários momentos e projetos diferentes, e essas diferenças sempre agregaram informação e conhecimento, ampliando as perspectivas a serem trabalhadas. Aqui, discutirei os momentos que vivi enquanto bolsista e participante da equipe, e como essa participação foi fundamental na minha formação como professora, bióloga e educadora ambiental.

Como dito anteriormente, meu interesse inicial não era a docência, mas com o passar do primeiro semestre a ideia de ser professora deixou de me causar pânico e passou a se tornar uma possibilidade a ser pensada com mais atenção. Minhas primeiras experiências com turmas escolares aconteceram por causa do estágio na Sala Verde UFSC. Os primeiros contatos foram mais tímidos, mas já foram suficientes para que eu percebesse o quão gratificante é trabalhar com educação. Preciso ressaltar que a graduação em licenciatura na área das ciências biológicas nos forma para sermos professores(as) de biologia no ensino médio e professores(as) de ciências no ensino fundamental nos anos finais, mas grande parte dos atendimentos que ocorreram durante o tempo que estive na Sala Verde UFSC foram para crianças, desde as que estavam em creches até o ensino fundamental, anos iniciais.

Segundo Arruda e Fortkamp (2003, p. 146): “Quanto mais jovens forem os educandos, maiores possibilidades teremos de construir com eles o respeito a todas as formas de vida”, e essa afirmativa só reafirma a resposta que sentia após cada tarde de recebimento com alguma turma, principalmente com o público da educação infantil, já que com eles eu precisava pesquisar e refletir ainda mais sobre as práticas, já que o currículo do curso de graduação não era voltado para essa faixa etária.

A EA em minhas experiências surgiu desta maneira. Na época, o projeto que mais trabalhávamos na Sala era o *Educar Brincando: a Mata Atlântica em Foco*, no qual a EA é trabalhada de forma lúdica, através de contação de histórias, jogos eletrônicos, de tabuleiros, brincadeiras, músicas, teatro e outras atividades pensadas para estimular os participantes a usarem a criatividade. Este projeto foi lançado em 2012 e ainda hoje é uma das atividades que acontece na Sala Verde UFSC. Como tudo dentro da Sala, estas atividades também são mutáveis, flexíveis e se adaptam para contemplar os mais diversos públicos, de acordo com as particularidades de cada turma, indo para além dos assuntos tradicionais que geralmente são tratados quando se trabalha educação ambiental, como: separar o lixo, reciclar, reutilizar e reduzir.

Cada modo de pensar e atuar junto a EA tem sua relevância e são importantes, mas a intenção é não ser e nem fazer mais do mesmo. Permitir que as pessoas compreendam a importância das áreas de restinga e como o crescimento imobiliário afeta estes locais é um bom exemplo para ilustrar o tipo de questionamentos e reflexões que procuramos fazer no nosso modo de educar ambientalmente. E questionar sem deixar de fazer com que os grupos que visitem a Sala e participem do *Educar Brincando*, tenham uma experiência positiva e que guardem boas memórias da sua passagem por lá, principalmente criando uma reflexão sobre a temática abordada, mas deixando-se afetar, ser atravessado e ter ou construir alguma emoção mediante aquela experiência. Desta forma, isso dialoga com o que Silva (2010) comenta:

Ao pensar a educação, de maneira geral, a formação de professores e educação ambiental, penso, também, que se faz importante e necessário repensarmos e (re) (des)construirmos as práticas educativas em que não se dá espaço para a criação e para a invenção (p.46).

Indo de acordo com o que diz Silva (2010), recordo-me de uma prática que fazíamos ao fim de uma contação de histórias. Lembro-me de uma história escrita pela colega Sofia, ex-bolsista da Sala, que contava sobre a *Rendinha*, uma ave da espécie

*Manacus manacus*, e assim como a maioria das aves, essa espécie possui dimorfismo sexual.

Todos os dias a pequena rendeira Rendingha voa mais cedo até a competição. E já estão lá os mais velhos arrumando suas arenas. Puzinho por puzinho as rendeiras macho, limpam o chão. Quando jovens, eles eram como Rendingha e as outras fêmeas: verdes como uma folha. Mas agora suas penas imitam carvão, grafite e algodão.<sup>5</sup>

Ao final da história trazíamos dois cartazes, cada um com o desenho de um pássaro e pedíamos para a turma decorá-los com um material que já estava previamente separado: folhas, pedaços de algodão, lápis grafite e pedaços de carvão. Quando perguntávamos as cores que eles usariam para decorar cada desenho, eles quase repetiam com as mesmas palavras das rimas do conto, que: “as fêmeas eram verdes como as folhas, e os machos, carvão, grafite e algodão”. Um conto simples, lindo e cheio de rimas, que contado juntamente com nosso cenário feito com tanto carinho por nós, cativava a todos. O encerramento era com essa atividade que permitia que as crianças relembassem a história e decorassem os pássaros, ficando livres para usar os materiais disponíveis, sujar-se e criar, testando essa mistura de materiais e muitas vezes experimentando pintar com carvão pela primeira vez.

Justamente neste local, onde a criatividade é um elemento fundamental, é que participei da execução e organização de outro projeto/trabalho: *Oficinas Para Uma Vida Melhor*. Tratava-se de criar momentos para permitir que pessoas pudessem ensinar saberes e compartilhar conhecimentos em busca de uma vida melhor. Das diversas oficinas que já ocorreram, posso citar três que mais me chamaram a atenção e que pude guardar com carinho: *I-Ecocarderno* (que já é uma oficina permanente na Sala, ocorrendo durante o ano todo); *II-Alimentação Saudável*; e a oficina *III- Produtos de Higiene e Limpeza Ecológicos*.

A primeira permite ao participante reutilizar e ressignificar materiais para a confecção de um caderno. Já a segunda tem a intenção de familiarizar a comunidade com as *Plantas Alimentícias Não Convencionais*, as PANCs, e trazer dicas sobre alimentação que são benéficas para nosso corpo, mas principalmente para o global, como a busca por alimentos orgânicos, por exemplo. E a última engloba assuntos de cuidados pessoais, com a produção de produtos de higiene com ingredientes naturais, visando diminuir o

---

<sup>5</sup> Início do conto intitulado *A rendeira Rendingha*, de autoria de Sofia Donovan.

consumo de industrializados que possuem tantas substâncias químicas e maiores impactos no meio. Todas as oficinas deste projeto estão relacionadas à atitudes lidas como “sustentáveis”, promovendo hábitos e estimulando um estilo de vida mais saudável e com menos prejuízos ao ambiente em que vivemos.

Com toda certeza o mais importante dessas oficinas era a troca que acontecia nesses momentos. Pessoas da comunidade acadêmica ou não que se reúnem ao redor de um tema/prática de interesse, no caso a oficina, e acabam compartilhando vivências e muitas vezes criando laços. Este projeto de extensão que parece simples, permitia possibilidades variadas e tem trazido para a Sala, pessoas maravilhosas. Alguns passam uma tarde dividindo seus conhecimentos e histórias, outras permanecem como voluntários(as) por muito tempo e acabam sempre agregando mais e mais. As oficinas, que preferencialmente ocorrem no gramado em frente da Sala, sob as sombras das árvores, são momentos que mais parecem uma roda de conversa entre amigos, permitindo que as pessoas se sintam à vontade para criar e construir juntas cada oficina.

Neste sentido e nesta fluidez e porosidade de ambiente e de educação ambiental é que me vejo conquistada e encantada. Poder me reinventar e trabalhar com tantas opções, com essa variedade de sujeitos, é que me percebo mobilizada à invenção no meu modo de fazer educação ambiental. Para tanto, trago uma frase do professor Paulo Freire (1987, p.58) que me remete muito a todos esses acontecimentos e a forma como a educação ambiental acontece em mim: “Simplesmente, não posso pensar pelos outros nem para os outros, nem sem os outros”.

## **2.1. Os propósitos dessas memórias**

Mas afinal, o que é Ser Sala Verde? É apenas estar em um ambiente de extensão onde se fala e trabalha com Educação Ambiental? No ímpeto de tentar compreender melhor o que seria esta noção/corpo/experiência de formar-se junto a um Sala Verde, é que o objetivo principal deste TCC é: discorrer e ficcionalizar sobre o potencial formativo que a Sala Verde UFSC oferece, a partir das experiências que me atravessaram. Assim como nos sugere Larrosa (2002): “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (p.21), e que aqui são ecos dos efeitos do que senti e sinto em participar desse local/corpo/campo tão singular como a Sala Verde UFSC, que *me aconteceu*, surgindo de forma discreta e

inesperada, todavia tornando-se o local onde tive, e tenho, as experiências mais enriquecedoras durante a graduação.

Estando ligada à PROEX, a Sala Verde UFSC desempenha os projetos citados desenvolvendo Extensão, por isso é que a diversidade do público e dos sujeitos que constroem educação ambiental com a equipe da Sala é vasta. Pensando primeiramente no projeto *Educar Brincando, a Mata Atlântica em foco*, que é mais voltado para turmas de escolas, minhas memórias mais marcantes são principalmente referentes às turmas de educação infantil, as atividades lúdicas cativam os pequenos de uma forma especial, por isso pretendo trazer essas memórias à tona, juntamente com as percepções e sensações que tive, da realização dessas práticas mais descontraídas associadas à EA.

Também quero destacar as ações do projeto *Oficinas Para Uma Vida Melhor*, na qual a criatividade e a diversidade de sujeitos são os pontos fortes do projeto, e fazendo uma metáfora com a biologia, são o oxigênio da Sala, trazendo sempre coisas e pessoas novas que fazem com que o fluxo se renove e transforme sempre, permitindo uma disseminação enorme de saberes, trabalhando a EA de uma forma mais presente no dia a dia de cada um.

Refletir, como todas essas vivências contribuíram para a minha (trans)formação como professora, educadora ambiental e bióloga. E por fim, enaltecer esta imersão em detrimento da falta da valorização da EA no currículo formal do curso. Assumir esta insubordinação e aproveitar aquilo que nasce fora, ou entre, ou além.

## **2.2. Educação ambiental - dentro da minha jornada**

Anteriormente, no início da introdução, coloquei uma citação referente ao documento da Política Nacional de Educação Ambiental, entretanto este é um tema que permite inúmeras interpretações e que pode ser trabalhado de muitas formas, mas acima de tudo concordo que a EA é política, e deve nos permitir reflexões e ações mais profundas, como comenta Reigota (2012):

É a análise das relações políticas, econômicas, sociais e culturais entre a humanidade e a natureza e as relações entre os seres humanos, visando a superação dos mecanismos de controle e de dominação que impedem a participação livre, consciente e democrática de todos. (REIGOTA, 2012, p.13)

Concordo com o autor que devemos sair da exclusiva caixa na natureza e conservação em si, e ver a EA como estética e política, e que perpassa e é atravessada por muitas outras dimensões. No início da minha jornada na Sala Verde UFSC eu enxergava como o simplório senso comum. Pensava que se tratava “apenas” de enfatizar ações que prejudicassem menos o ambiente. Na busca de trabalhos sobre EA, foi em um artigo do professor Leandro Belinaso Guimarães (2012), que eu descobri outro autor, Layrargues (2012), que menciona sobre a “pobreza” que se trabalha a EA. Trago um trecho:

(...) um traço da “pobreza política da educação ambiental”, se traduz na entrada de qualquer pessoa que se propõe a trabalhar com esse campo de conhecimento, simplesmente a partir do senso comum, julgando que a educação ambiental se resume a práticas de sensibilização ecológica e campanhas de reciclagem (...) (LAYRARGUES, 2012)

Naturalmente, e conforme o tempo foi passando, mesmo sem ter buscado referências acerca da EA, a minha visão sobre ela também ia se modificando. Hoje consigo entender a questão política e como tudo está tão relacionado. Na minha visão são tantas variáveis, que vão desde o básico e o famoso *não jogar lixo no chão* até questões mais amplas, de cunho social, como a demarcação das Terras Indígenas, que estão tão relacionadas ao agronegócio, ou até as mais sutis e igualmente potentes questões, como reavivar e deixar acontecer os afetos em meio a relação no/com/pelo ambiente. Tudo isso é EA. E notar que os sujeitos conseguem chegar nessas conclusões e reflexões sobre isso, é o resultado dessa educação. Sobre isso que venho trabalhando como educadora, sobre como oferecer algumas informações e outras tantas experimentações que ajudem as pessoas para que cheguem nos questionamentos sobre seus modos de ser e estar, e possam refletir sobre a ação antrópica em determinada situação.

A formação de um(a) educador(a) ambiental não é simples, não é como uma receita de bolo, e mesmo durante toda a graduação em vários momentos, senti que esse era um assunto que passava despercebido em várias ocasiões, disciplinas e espaços. É uma pena que o curso que forma biólogas e biólogos permita que este tema seja deixado de lado, sendo praticamente esquecido. Torna-se difícil formar educadores(as) ambientais se isso não é mencionado durante todos os anos letivos.

Concordo com a reflexão do professor Leandro Belinaso Guimarães (2012, p. 82), quando sugere: “E se tecêssemos narrativas que imprimissem outros entendimentos sobre



aquilo que praticamos, produzindo outras possibilidades de composição de ambientes, paisagens, lugares e mundos?”. É então que cada um vai compreendendo de uma forma independente e buscando, ou não, vivências e possibilidades para agregar a formação. O meu percurso na academia me trouxe para essa área. E as minhas vivências foram as minhas professoras. Elas me fizeram perceber que a EA é muito além do que é ensinado nas escolas, hoje em dia.

Em educação de maneira geral, e em educação ambiental em particular, não basta falarmos sobre as questões que estão a nos desafiar. Não basta planejarmos uma aula sobre: biodiversidade; aquecimento global; reciclagem de lixo. (SILVA, 2010, p.49)

Como questionado por Silva (2010), penso que esses temas mais gerais são apenas a ponta do *iceberg*. É nesse contexto que a Sala Verde UFSC se torna um diferencial, por ser um ambiente não-formal de educação e que tira o foco de alguns clichês ambientais, e que mesmo tendo a sua legítima importância, na Sala se cria momentos diferentes e abertos, que valorizam mais a singularidade de cada ser visitante-atuante que a necessidade de informar sobre algo ou alguma coisa que pressupõe-se que ainda não se sabe. Neste ponto, concordo com Barcelos (2008, p. 82) quando ele afirma sobre as metodologias na EA: “Na educação ambiental em particular, precisam de um envolvimento afetivo, lúdico, amoroso, de todos aqueles e aquelas que a ela se dedicam”.

Costumamos dizer na Sala Verde UFSC que estamos abertos a todos os públicos, do zero aos 200 anos, atendendo escolas, creches, associações, famílias... Mas mesmo com um público tão diverso, buscamos sempre singularizar cada atendimento e deixá-lo único.

Dentro do projeto *Educar Brincando - A Mata Atlântica em Foco*, procuramos adaptar o atendimento para melhor atender cada turma. O agendamento geralmente se dá por telefone, e nessa situação já é possível entender o que se espera do atendimento e conhecer sobre os futuros participantes. Durante os dias que se seguem, até o dia do atendimento em si, busca-se pensar formas de trabalhar com a turma, sempre deixando uma segunda opção disponível.

Particularmente, os atendimentos que eu mais gostava eram os com contação de histórias. Em 2012 uma colega da Sala escreveu alguns contos, entre eles, *A rendeira Rendinha*, *O lagartinho da praia*, e *Lala, a Muriqui*, foram os que mais me marcaram.

Um conto era escolhido, e então dependendo do perfil da turma poderíamos fazer uma contação, uma encenação ou uma leitura coletiva. Sempre após o conto deixávamos um tempo para uma reflexão. E esse era o momento incrível.

Não sei mais quantas turmas ouviram todas essas histórias e muito menos quantas pessoas se encantaram com elas. Os que mais me surpreendiam, sem dúvida eram as crianças da educação infantil e do ensino fundamental, anos iniciais. Os pequenos, mesmo com tão pouco tempo de vida, pareciam ter nascido sabendo que devemos respeitar a natureza. É como algo instintivo. Mesmo com um vocabulário muitas vezes limitado, eles conseguiam expressar o seu entendimento através de comentários. Relacionavam suas vivências com os contos e ficavam felizes em compartilhar suas opiniões. Foram momentos como esse que começaram a me fazer refletir sobre a minha formação na EA. O que eu estava aprendendo, era o que eu vivenciava, e isso deveria de alguma forma ser levado à diante, ser compartilhado.

Quando Souza (2011, p. 38) fala sobre memória, (auto)biografia e formação, menciona que: “ (...) a memória narrativa marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar as experiências”, e eu penso nas minhas memórias transformadas em narrativas e em todo potencial que elas possuem, penso que as memórias são pequenas peças que foram se encaixando e me montando, formando a educadora que sou hoje. E pensando neste formato de peças, há a possibilidade de mudança, já que cada peça pode ser remontada e reencaixada a cada nova vivência e aprendizado.

Neste sentido que misturo memórias/narrativas e ainda acrescento o subjetivo e aquilo que crio sobre minha própria identidade, e percebo como tudo está conectado, como uma teia. Para isso, é que podemos pensar no conceito de *fabricação* que Shaula Sampaio (2005, p.14) atribui valor às narrativas, quando nos conta sobre seu modo de pesquisar: “Acrescento que fabricamos nossas identidades, costurando os retalhos de narrativas que nos acessam, ao mesmo tempo em que somos fabricados por essas mesmas narrativas”. Narrativas que fazem parte de todo esse processo, desde o início quando vou me conhecendo e descobrindo novas possibilidades na educação, e até no agora, que é o momento de reviver toda a caminhada e pensar em todo processo formativo que passei, e continuarei passando a cada nova vivência.

Atento-me a pensar não apenas na questão da formação, mas poder olhar de um modo mais poético e criativo. Fazer uso destas narrativas e poder brincar com as palavras, assim como as rimas brincam com a melodia das palavras em um poema. Misturar

sensações, cores, objetos, ser livre para criar o cenário. Aqui, neste trabalho, sinto-me com liberdade de narrar, reinventar e recriar histórias que foram fundamentais para que eu chegasse aqui hoje. Sinto-me exatamente como disse Reigota (1999a, p. 73) quase vinte anos atrás: “Tinha total liberdade para escrever. O meu único compromisso era comigo mesmo e o meu desejo era escrever. *Apenas escrever*”. O destaque que dei é para justificar a minha vontade de fazê-lo. Escrevendo e misturando as minhas memórias com as inventividades, e fazendo as coisas de forma ficcional, como dito anteriormente.

Quando entrei nesse universo da EA, eu não tinha conhecimento na área, mas a partir do momento que me interessei mais, passei a ler e pesquisar mais sobre o assunto. Nos últimos meses fui inspirada por vários trabalhos, minha primeira inspiração foi a pesquisadora Aline Krelling (2009). No momento em que li o seu TCC, percebi que seria possível fazer um trabalho como este, diferente e com uma leitura agradável. Com esse começo, fui em busca de outras leituras que trouxessem a EA para o campo artístico/estético, e encontrei em trabalhos do Grupo Tecendo, da UFSC, uma série de pesquisas sobre educação ambiental e estudos culturais.

Outros estudos também me auxiliaram e inspiraram nesta escrita: Reigota (1999b, 2015) e Carvalho (2004), que já foram citados por outros dos seus trabalhos, assim como Chaves (2013) e Davi de Codes (2016), que foi um orientador/inspirador.

Vale mencionar que durante a minha pesquisa encontrei no banco de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) apenas um artigo relacionado ao Projeto Salas Verdes do MMA. O trabalho da pesquisadora Cibele Dziekaniak *et al.* (2017), na qual foram realizadas investigações embasadas em documentos e bibliografias sobre as Salas Verdes e outros programas da área de EA, para averiguar o potencial formativo destes programas e projetos. É um trabalho recente, que não tem características e objetivos semelhantes a este trabalho. Outros trabalhos já foram realizados, publicados e apresentados em outros bancos de dados e eventos, e isso mostra que este projeto com quase vinte anos, cresce forte, florescendo, frutificando e espalhando sementes de EA por todo o país.

### **3. O PASSO A PASSO**

A nível metodológico, a pesquisa se fundamenta a partir de uma perspectiva qualitativa baseada nas pesquisas em educação, assumindo as orientações de Lüdke e André (1986) e Bogdan e Biklen (1994). Teve como fonte, além da revisão e estudo da literatura de base, as experiências vividas junto a Sala Verde UFSC desde o ano de 2012 até o presente momento.

Para a construção deste trabalho, revisitei os fios emaranhados das memórias e lembranças de situações mais marcantes, como acontecimentos em mim, para discutir como esses anos na Sala Verde UFSC foram pertinentes na minha formação. Ocasionalmente, os registros imagéticos visuais que tenho, são quase todos fotográficos, mas que isso seja mais uma oportunidade de riqueza para toda e qualquer narrativa ficcional que venhamos a criar. Que novas imagens se façam.

A forma como a EA aconteceu na minha vida foi tão inesperada que não me preocupei em anotar minhas memórias em um diário ou caderno. Mas não tive medo que algo escapasse, já que sempre escapa. Elas existem apenas na minha cabeça, ou passaram a existir quando as coloquei no papel. Escrevê-las e apresentá-las na forma de microcontos ficcionais, foi para mim uma ótima maneira de lembrar e finalmente, gravá-las para sempre, e quem sabe poder transportar cada leitor(a) para dentro das cenas que se formam através das minhas recordações/invenções. Apresento-as no formato de microcontos ficcionais, e me apropriando das palavras e sentidos do professor Marcos Reigota (1999), quando disse sobre seu modo de operar: “Com isso tenho usado e abusado das possibilidades ficcionais, criando personagens e cenários a partir dos relatos que tenho”. E são esses personagens e cenários que vão me acompanhar ao longo deste trabalho, ajudando-me a narrar como foi a caminhada até aqui.

#### 4. DA CONTAÇÃO À/SER VIDA - *Se aquela casinha verde falasse*

O que podemos aprender ao longo da vida sobre Biologia? E sobre EA? O que a biologia pode aprender com a vida? E a EA? Isso é algo que me pego pensando em vários momentos, principalmente nesses momentos finais da graduação. A vida nos ensina muito e a todo o momento. Nas próximas páginas, irei tecer alguns dos ensinamentos que tive, algumas reflexões sobre os temas da EA e formação inicial docente, na junção entre referências teóricas e um conjunto de trajetórias acadêmicas vividas não apenas no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mas um pouco do que foi a minha formação inicial docente e também poética de estar/habitar/criar o projeto de Extensão da Sala Verde desta mesma Universidade.

Aquilo que trago, reflexões e invenções em formato de microcontos narrativos ficcionais, são rasuras e tentativas de detalhar de outro modo, de que forma a vida foi mudando minhas percepções/sensações no/do ensino de Biologia e como já dito, teve como objetivo discorrer e ficcionalizar sobre o potencial formativo deste ambiente, a partir das experiências que me atravessaram:

Quanta ansiedade pode estar presente na primeira semana de aula de uma caloura em Ciências Biológicas? As aulas acabaram sendo bem similares: apresentações e mais apresentações. E então, em algum momento, A pergunta surgia: “*Mas quem aqui quer ser professor?*” Congelamento. Petrificação. Será que alguém tinha descoberto os planos? Mesmo sabendo que era um curso de Licenciatura, ela havia prestado o vestibular, sendo aprovada e se matriculando, mas planejava tentar mudar para o Bacharelado o mais rápido possível! Ser professora era algo que estava totalmente fora de cogitação na vida dela. Para a sua surpresa, muita gente pensava exatamente a mesma coisa e, da turma de 40 pessoas, cerca de 3 ou 4 levantaram a mão, confirmando a vontade de ser professor. Mas as coisas mudam...ah, como mudam! Em meio a tantos aprendizados e disciplinas, tem aquela tal de *Teorias da Educação*. Como todas as outras matérias de licenciatura, que ela não dava muito bola, ficava indiferente. Mas a paixão do professor era tanta que o bichinho da educação começou a remexer dentro dela. *Jéferson Dantas*, como esquecer um educador assim?! É certo que teve outros muitos professores inspiradores, mas tem aquele ditado, né?: “*O primeiro a gente não esquece*”, e foi assim mesmo. Não esqueceu. A pergunta despretensiosa de “*Quem quer ser professor*”, tardiamente, começou a repercutir na cabeça dela. Aula após aula ela ia absorvendo o seu amor por educar... sim, as coisas mudam... que bom que mudam!<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Microconto intitulado *Sobre os questionamentos de uma caloura*, de autoria da Maria Paula.

Como citado anteriormente na apresentação deste trabalho, foi desta forma que tudo começou, inscrevendo-me para um tipo de bolsa-estágio para alunos com vulnerabilidade econômica, na época chamada de bolsa-permanência. Naquele momento, em meio à tantas coisas novas, foi que surgiu uma grande novidade na minha vida. Eu ainda não tinha ideia de como essa mudança em particular iria me acompanhar ao longo de toda graduação e de algum modo influenciar tanto os meus pensamentos/objetivos/metos/devaneios. Foi dessa entrada da Educação Ambiental na minha vida, desse momento em que comecei a estagiar na Sala Verde.

Era só mais uma sala, igual todas as outras daquele prédio, cheias de paredes de vidro. Às vezes a porta estava aberta, outras vezes estava fechada. Tinha dias que um montão de gente entrava lá, e outros dias que ela ficava quase vazia. Muitas pessoas passavam pela frente, alguns mal notavam sua existência, outros observavam curiosos, sempre olhando para dentro das janelas, tentando descobrir o que acontecia ali. “Sala Verde” alguém falou, lendo a plaquinha em voz alta. Olhou de longe. Passou novamente pela frente. Encheu-se de coragem e entrou. “Só vim ver se as paredes eram mesmo verdes”, disse cheio de risos para alguém que trabalhava ali. A curiosidade não acabaria ali: se eu pudesse apostar, diria que ele voltaria logo para saber o que se faz naquela sala com paredes verdes. Mas, como não tenho nenhum lugar para ir, ficarei aqui esperando. Quem sabe a curiosidade o vença e ele volte amanhã?<sup>7</sup>

A Sala foi um mistério pra mim no começo. Eu tinha ciência que era um ambiente de EA e que trabalharia principalmente com crianças e adolescentes em idade escolar, mas só aos poucos fui conseguindo captar sua essência, ou sentir seu aroma, para que não pensemos que há uma essência possível de ser completamente captada. E era nos atendimentos que aquele ambiente se modificava, e eu conseguia enxergar a pluralidade daquele local. Não era só mais um lugar onde se trabalha com EA, era a EA trabalhando de uma forma singular cada pessoa e objeto.

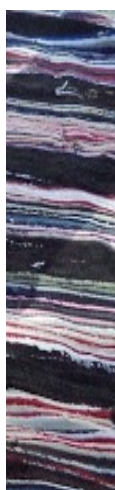


Cada detalhe era carinhosamente pensado previamente antes de cada atendimento. O objetivo era fazer cada participante se sentir acolhido a sua maneira, feliz em estar

---

<sup>7</sup> Microconto intitulado *Sobre uma sala curiosa*, de autoria da Sr<sup>a</sup> Árvore, do gramado em frente.

participando daquele momento de encontro, e ter uma experiência com EA agradável, sentado em roda, no chão, ao ar livre, com lentidão.



Não sou de reclamar da vida que levo. Tenho momentos ótimos e momentos em que me sinto esquecido. Vou explicar. Colocam-me no canto, todo dobrado, e me abandonam. Não sei contar o tempo, não faço ideia quanto tempo fico assim, parecem eternidades. Mas quando meus dias de glória chegam... puxam-me e carregam-me lá para fora. Mas tem todo um cuidado! Uma lona preta me protege, não querem que eu me suje de terra. Esticam-me com cuidado no gramado, na maioria das vezes tem um sol delicioso no céu azul. Fico fitando-o por entre as copas das árvores. São nesses dias ensolarados que me sinto útil e feliz. Muitas pessoas chegam, na maioria das vezes, crianças...ah, como elas me enchem de alegria! Todos querem um cantinho para se aconchegar em cima de mim. São momentos tão bonitos, já ouvi tantas canções, contos e histórias, já presenciei tantas brincadeiras. Até me esqueço que no final daquilo tudo voltarei a ser dobrado, carregado e guardado lá dentro. Pensando bem, vale a pena. Mas que saudade que eu tô dos dias de sol no gramado...<sup>8</sup>



Como um dos projetos que mais trabalhávamos na Sala era o *Educar Brincando: a Mata Atlântica em Foco*, geralmente para estes atendimentos, o espaço externo era utilizado, e as turmas eram recebidas nos gramados, em frente à sala. Todos sentavam-se no chão, em cima de tapetes coloridos esparramados entre às árvores e as atividades se iniciavam. Mesmo sendo uma dinâmica tão simples, sentar em roda no chão ao ar livre, essa disposição e cenário fazia toda a diferença. Dessa forma era possível acolher e unir todas as pessoas presentes, e ao mesmo tempo, meio que criávamos uma ação, um acontecimento. Ali, no meio da Universidade, em meio aos ônibus e barulhos externos, um grupo de pessoas sentadas no chão perto das árvores causava curiosidade/desconcerto/variação.

A colega Débora Bennert (2016, p. 33) mencionou no seu TCC algo que me chamou a atenção: “(...) todas suas experiências não possuem o mesmo peso em sua concepção ao longo da vida. Há aquelas que marcaram mais, e as que já quase foram esquecidas.” Logo, penso nos tapetes coloridos onde várias atividades aconteciam, mas lembro com carinho de uma atividade em especial, que acredito fazer jus ao que Débora citou como aquelas experiências que marcaram mais. Uma contação de história, uma história escrita pela colega Sofia e já citada aqui por mim, anteriormente. Talvez essa

---

<sup>8</sup> Microconto intitulado *Sobre as tardes no gramado*, de autoria da Sr<sup>a</sup> Tapete.

história tenha me marcado bastante, pois foi a primeira que ouvi, ou porque as rimas deliciosas que compõem o texto me fazem viajar naquelas palavras, ou porque eu conseguia ver o brilho no olhar de tantas crianças ao ouvir aquela história. Compartilho aqui, buscando encantar da mesma forma, ou de alguma, como me encantou:

Todos os dias a pequena rendeira Rendingha voa mais cedo até a competição. E já estão lá os mais velhos arrumando suas arenas. Pauzinho por pauzinho as rendeiras machos, limpam o chão. Quando jovens, eles eram como Rendingha e as outras fêmeas: verdes como uma folha. Mas agora suas penas imitam carvão, grafite e algodão.

De repente, o barulho começa: – *tec, tec, tec*– pulam eles de galho em galho. Estalando as asas, para lá e para cá, cada um se exhibe em sua arena, tecendo uma renda invisível no ar. Logo as amigas de Rendingha e os machos, ainda verdes, começam a surgir. Elas só olham de longe, escolhendo com cuidado seu favorito. Eles treinam ansiosos para que suas penas mudem de cor e também possam competir.

Está chegando a hora da rendeira Rendingha também escolher um vencedor. Mas ela não quer casar, quer também aprender a dançar.

Rendingha treina perto das arenas e, de vez em quando, um macho a confunde com um jovenzinho ousado, e expulsa Rendingha, brabo!

Ninguém quer ver Rendingha saltar, estalar e voar, então ela decide parar de treinar. Foge pra longe, voa até não ver mais árvores, até chegar ao oceano. Cansada, desce à beira da praia e acha uma casa verde, decide passar a noite no telhado: – Preciso de um novo plano.

Rendingha se esconde sob uma telha e adormece. Porém, logo acorda espantada, um barulho conhecido chama sua atenção: o estalo das asas da competição! Intrigada, procura passarinhos, rodeia o telhado, o dos vizinhos.

Percebe então que o som não vem de fora, vem de dentro da casa verde! Resolve investigar, e por uma fresta da janela consegue entrar. Em um canto da sala com muita alegria, uma rendeira velhinha com bilros, quem imaginaria?! Madeira na madeira com perfeição, o som dos bilros imitam as rendeiras-passarinho em sua exibição!

A rendeirinha fica encantada: – Que desenhos lindos aparecem sobre essa almofada! - Curiosa com o trabalho daquele tipo diferente de rendeira, Rendingha chega bem pertinho. A velhinha a nota: – Vem cá, passarinho!

A rendeira de bilros resolve ensinar à pequena o seu ofício. Animada, Rendingha aprende depressa, e ao fim de cinco dias, já tem sua primeira peça. – Até que não é tão difícil! Agora sabe fazer uma renda diferente, com linha, e não no ar! Rendingha está feliz, já pode ao bando voltar!<sup>9</sup>

Ouvir as rimas deliciosas dessa história já conquistava a atenção de todos(as), mas não era só isso. Sofia contava e improvisava um teatrinho, dando vida à *Rendingha*. Eu a ajudava, fazendo o *tec-tec-tec* dos bilros, que faziam com que olhares curiosos comessem a procurar de onde vinha aquele som. Com o tempo começamos a elaborar nossa contação, queríamos além... quem sabe um cenário?!

---

<sup>9</sup> Conto intitulado *A rendeira Rendingha*, de autoria de Sofia Donovan.



Corta, dobra, pinta, cola. Do papelão esquecido no canto da sala, fez-se vida.  
Vida? Desde quando papelão tem vida?  
É a vida da magia, dos olhinhos curiosos, das tardes ensolaradas no gramado...  
É a vida da *Rendinha*, que voou e voou até a casinha verde de papelão.  
Posso não ser uma planta, animal ou mesmo um ser humano, mas trouxe (e trago) muita vida sim, por todos os caminhos que passo.<sup>10</sup>

Nem me lembro durante quantas tardes Sofia e eu nos dedicamos aquilo. Cortamos, colamos, pintamos. Depois de alguns dias estava pronta. A velha caixa de papelão se transformou na nossa casinha de papelão. A casinha verde da velhinha! Mesmo sendo simples aos olhos de quem a vê, para quem ouve o conto e assiste o teatrinho improvisado, aquela casinha fazia toda a diferença. Ela acompanhou e foi uma importante presença, durante várias contações. Contou junto conosco.

Por fora, uma tinta verde cobre suas paredes e um telhado marrom avermelhado molda a parte externa da casinha. Uma porta desenhada na parede da frente, com dois degraus à frente, só para decorar. Logo ao lado da porta, uma janela. Alguns cortes no papelão criam duas venezianas na janela, que abre e fecha. Quantos olhinhos curiosos já fitaram atentamente aquela pequena abertura, para tentar descobrir o que há dentro da casa...E no final do conto, quando a *Rendinha* entra pela fresta da janela, a casinha revela seu interior. Por dentro, as paredes são todas em cor de rosa. Há um tapete no chão, feito de renda de bilros. E por falar em bilros, no canto, uma imagem da velhinha fazendo rendas. Exatamente na frente da velhinha, a miniatura da almofada de bilros, e a magia se amplia.

Durante a contação, eu geralmente me sentava atrás da casinha. E conforme a história transcorria, ia ajudando com a sonoplastia. Sofia ia dizendo as rimas do conto, e dando vida à *Rendinha*, e todas as vezes que ela falava sobre o barulhinho das madeiras, eu batia os bilros e criava o som, sem ninguém perceber, mas despertando a curiosidade de todos. No momento em que o interior da casinha aparecia e todos conseguiam ver os pequenos bilros na almofada, era o fechamento perfeito para a história.

Se esse objeto de papelão reaproveitado nos contasse um pouco mais, a história jamais se fecharia. Sobre a diversidade das turmas que passavam por ali, sobre a curiosidade do que tinha dentro da casinha ou de onde vinha os barulhinhos da madeira,

---

<sup>10</sup> Microconto intitulado *Sobre a vida*, de autoria da Sr<sup>a</sup> Casinha Verde.

sobre as trocas e reflexões que ocorriam após as contações... foram tantas as coisas que aprendi e senti nesses momentos. Não dá para escolher apenas uma e elegê-la a mais importante. Foi importante perceber como cada atendimento é único e sempre vai trazer um aprendizado novo, uma afetação nova. Percebi como é importante inovar e agregar coisas novas, assim do modo que foi feito com a casinha verde. Deixar o público, principalmente o da educação infantil, livre para dialogar e compartilhar informações e sua imaginação ao final de cada atividade.

Hoje, a Sala passa por outro momento. E, conseqüentemente, a casinha verde já não é mais tão usada. Mas ela permanece ali. Fazendo parte da história. Da história da Sala Verde. Da minha história.

É fácil notar que o que torna a Sala mais especial são os objetos que fazem parte daquele local. Para quem passa e observa através das janelas, a Sala pode parecer um tanto quanto bagunçada e com vários objetos que parecem deslocados. Mas há uma história por trás de cada um deles. São deslocados sim, mas se deslocam para des-loucar.

E os jogos? Não posso esquecê-los. Na sala há jogos para todos os gostos: jogos gigantes, jogos de tabuleiro, os que eram feitos por nós com material reciclado, jogo eletrônico... afinal, um dos projetos é o *Educar Brincando, a Mata Atlântica em Foco*, então os jogos fazem parte deste educar/brincar/aprender.

Nós éramos os mais disputados, eu sei. Para eu e meus colegas não havia concorrência. Não é exagero, não é vaidade, todos precisam admitir, as crianças disputavam por nós. Não digo que as senhoras *Esconde Bichos* e as senhoras *Quebra Cabeças* eram chatas e desinteressantes, apenas temos que concordar que um jogo eletrônico é muito mais legal. Nem sou eu quem estou dizendo, são as crianças! Elas fazem fila, elas ficam ansiosas esperando nosso encontro. Suas mãozinhas pequeninas ficam confortáveis sobre os *mouses*. Querem poder ter seus pares de olhinhos brilhantes lendo minha tela, e isso aumenta muito meu ego. Mas chega de falar de mim, vão pensar que sou metida. Somos uma equipe ótima, nós, da nova geração, e as senhoras jogos de tabuleiros. Todas fazem parte disso, é para isso que estamos aqui. É tão bom fazer parte desta equipe...<sup>11</sup>

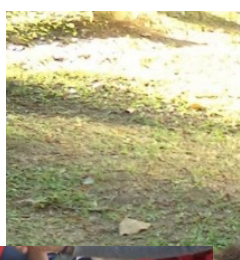
Confesso que na minha opinião as tecnologias são inseridas de forma muito precoce no cotidiano das crianças, mas era impossível não notar o interesse no jogo eletrônico. Aqueles gráficos bonitos e coloridos chamam a atenção, e em muitas tardes era possível ouvir os suplicantes: “*Ah, professora...só mais um pouquinho...*”, para que a

---

11 Microconto intitulado *Sobre ferramentas educativas*, de autoria da Srª Computador.

turma pudesse continuar no computador por mais tempo. É um jogo colaborativo, em que a dupla precisa ir fazendo tudo em conjunto para resolver todas as etapas que o envolvem: quebra-cabeças, *sudokus*, e outros desafios, todos acompanhados por um personagem narrador, o *Papagaio de Peito Roxo*, que vai sempre trazendo dicas e informações sobre a Mata Atlântica.

Nessa imensidão de verde e Mata Atlântica que habitei, com todos esses deliciosos momentos com as crianças, não posso deixar de reconhecer a importância de tão variados momentos, como as oficinas. Estas eram também agregadoras na minha criação como educadora ambiental. E trago muito delas, ainda hoje, em fluxo.



Quem passasse pela frente do gramado naquele dia, pensaria que era um grupo de mulheres loucas. Sentadas no chão, em roda. Ralando sabão de coco. Quem faz isso no meio de uma Universidade?! Olhando a fisionomia delas, posso tentar responder. Quem faz isso pelo jeito é feliz, mesmo de longe é possível ver o riso no rosto de cada uma. Parecem gostar de estar fazendo aquilo, quem gosta de ralar sabão de coco?! Conversam bastante, nossa, não param de falar, e ainda assim prestam muita atenção no que estão fazendo. Parece que nem notam a quantidade de carros e ônibus que passam fazendo barulho, até eu, daqui de cima me sinto incomodada com o barulho! Gostaria de poder ser uma delas, parece tão divertido ali embaixo.... mas cá estou, na biblioteca estudando...<sup>12</sup>



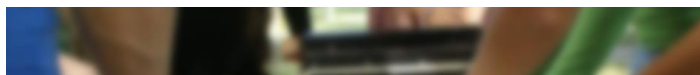
Nas oficinas também utilizávamos o gramado externo. Os tapetes, algumas cadeiras e mesas iam para fora, e ali tudo rolava. Eram nesses momentos que a

criatividade voava alto. Se era oficina de *Produtos de Higiene e Limpeza Ecológicos*, a criação ficava por conta das

diferentes misturas e sugestões

de ervas e óleos vegetais que pudessem ser utilizados para

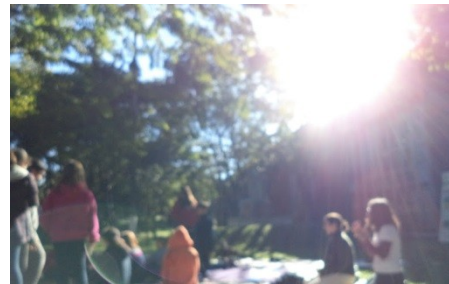
potencializar os produtos feitos. Mas o ápice da inventividade estava na confecção dos *Ecocadernos*. A parte principal do feitiço não tinha muito segredo, era dobrar e perfurar as folhas que no final podem ser costuradas com tecido/barbante ou com os espirais



<sup>12</sup> Microconto intitulado *Sobre a vontade de ralar sabão de coco*, de autoria da Sr<sup>a</sup> Graduanda Anônima da Biblioteca.

reutilizados. A capa do caderno era a protagonista e o alvo das engenhosidades das oficinas. Colagens, desenhos, montagens, pinturas... infinitas alternativas.

No entanto, não era só a criatividade que me fazia ter toda essa admiração pelas oficinas. Foi a conectividade, interação, convívio, diálogo. As pessoas que participam desses momentos tem a possibilidade não só se aprender algo novo, como também de conhecer pessoas. Há um ditado popular que já ouvi algumas vezes: “*não se faz amigos bebendo leite!*”, não posso afirmar a veracidade dessa frase, entretanto eu posso afirmar que era possível fazer amigos participando dessas oficinas. EA é como uma rede, uma teia. As pessoas que se interessam por isso acabam de alguma forma se unindo, e quando se passa por uma oficina assim, com um ambiente tão intenso e harmonioso, encontros acontecem, e as pessoas se unem ainda mais com esses gostos e gestos em comum.



## 5. CONCLUSÕES POSSÍVEIS - *ou uma carta para (re)inícios de possibilidades*

Maria Paula,

Guria, tira da cabeça essa ideia de mudar para bacharel. Isso não (NÃO) vai dar certo! Eu não posso te dizer exatamente tudo que vai acontecer de 2012 até 2018, mas você tem que confiar em mim...digo, em você. Ou melhor: seu você do futuro. Fica tranquila, não foi uma escolha errada a licenciatura, você vai ver, a universidade vai te abrir um leque de possibilidades. Mas primeiro aproveita bem essas aulas aí. Lamento te dizer, mas você não vai trabalhar em nenhum laboratório, para de idealizar isso, não combina NADA com você esse tipo de coisa. Bem, talvez combine com o você de 2012, mas a você de 2018 (no caso eu), não quer nem pensar em ficar o dia todo em um laboratório. É, querida, sua vida vai mudar, seus sonhos vão mudar. Sabe aquele pânico de entrar em uma sala de aula? *Spoiler alert*: você vai AMAR os seus estágio obrigatórios! Então, o conselho que posso te dar é: aproveite o máximo que puder, porque esses 5 anos, já adianto que vão aumentar, mas mesmo assim, eles vão passar muito rápido!

Ass: Eu...digo, você<sup>13</sup>

Se tivessem me dito naquele primeiro dia, na primeira aula do curso de biologia, enquanto eu ainda estava na situação de caloura, o rumo que minha jornada tomaria, eu nunca teria acreditado. Acho que é por isso que eu mesma preciso fazê-lo. Se aquela Maria Paula em 2012 tivesse recebido uma carta do futuro, é possível que ainda assim, ficasse desacreditada

Afinal, como aquela pessoa com tanta certeza de que queria mudar a graduação para bacharelado, e tinha até um certo medo só de pensar na possibilidade de ser professora, poderia ter mudado tanto, a ponto de escrever seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre Educação? E não, não foi “apenas” o TCC, foi a aventura completa. Foram todos os anos imersa na licenciatura. De uma forma mais convencional, com minha atuação na escola através do PIBID, frequentando a escola, dentro da sala de aula, junto com a professora. Na educação não formal, na divulgação e educação científica no geral, e na Educação Ambiental. Foram tantas vivências e experiências transformadoras, e cada uma delas foi recebida como um tijolinho, que no final construiria minha própria *Estrada de Tijolinhos*, só que diferentemente do universo mágico, belo e encantador da estrada de tijolos amarelos de *Oz*, a minha estrada foi verde, e me conduziu até outro ambiente, tão mágico, belo e encantador, a docência.

Ao revisitar o passado e reviver várias daquelas emoções através das narrativas ficcionais que carinhosamente escrevi para me transportar de volta para aqueles

---

13 Microconto intitulado *Uma carta do futuro*, da autoria de Maria Paula de 2018.

momentos, pude concluir que a minha trajetória não foi apenas formativa, foi transformativa. E quando uso esse prefixo *trans*, eu o coloco no exato sentido que ele significa: *além de*. Isto se justifica porque aprendi a sair da caixa, e que não precisa ser tudo tão controlado e formatado sempre. Pude aprender na prática, como as atividades lúdicas, o brincar, o inventar e imaginar se tornam ferramentas valiosas.

Quando penso nas experiências vividas junto a Sala Verde UFSC, desde o ano de 2012 até o presente momento, penso nas memórias e situações mais pertinentes para discutir como esses anos na Sala foram ricos para o meu aprendizado. Entendo que para a EA ser trabalhada de uma forma eficaz, a coletividade é fundamental, e junto com essa coletividade estão as experiências vivenciadas ao longo do trajeto. No meu caso, o meu percurso na Sala Verde UFSC ensinou-me e continua ensinando.

Ao finalizar o último estágio não obrigatório naquele local, não pude ignorar o sentimento de que todo aquele tempo vivido ali não poderia simplesmente ir desaparecendo aos poucos. O tempo mudou. As minhas memórias são muito mais do que só lembranças, elas são instantes, eternos ou momentâneos de formação e da construção da pessoa e profissional que serei. Não havia melhor modo de refleti-las e discuti-las do que colocando-as em palavras. Se na prática eu pude testemunhar a capacidade de cativar ouvintes através de contação de histórias, porque não fazê-lo novamente, utilizando minha bagagem memorial e transcriando-as em microcontos ficcionais? Inserindo a noção de *experiência* é que as sensações e sentidos, frutos dessa trajetória formativa, foram contadas.

A experiência na Sala Verde, *aconteceu-me* e por isso o meu desejo de compartilhá-la com outros sujeitos e educadores(as) em forma de narrativas, e quem sabe poder transportar cada leitor(a) para dentro das cenas que se formam através das minhas recordações/invenções.

Após todo esse caminhar, não havia melhor modo de refletir e compartilhar todos os meus sentimentos e aprendizados do que desta forma. A Maria Paula de 2012 poderia chegar até aqui desacreditada, mas ao ler tudo isso, seria transportada para o lugar do qual ela tanto quis fugir, mas que por fim tornou-se o lugar onde ela verdadeiramente se encontrou e continua se (re)encontrando.

## 5. REFERÊNCIAS

ARRUDA, V. L. V. de; FORTKAMP, E. H. T.; Educação Ambiental na Educação Infantil: alegrias e desafios. In: GUIMARÃES, L. B.; BRÜGGER, P.; SOUZA, S. C. de; ARRUDA, V. L. V. de (Org) **Tecendo Subjetividades em Educação e Meio Ambiente**. Florianópolis: NUP, 2003.

BARCELOS, V. **Educação Ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 83.

BENNERT, D. B. F. **Narrativas Ficcionalis em uma Experiência de Ensino**. 2016. 55 p. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Cap. 4.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Características da investigação qualitativa. In: BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. Cap. 2. p. 47-51.

BRASIL. Lei n. 9.795, Art. 1º, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm)> Acesso em: 01 de Julho de 2018.

CARVALHO, I. C. de M. **A Invenção Ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 229 p.

\_\_\_\_\_. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004. 255 p.

CHAVES, S. N. **Reencantar a ciência, reinventar a docência**. São Paulo: Livraria da Física, 2013. 177 p.

CODES, D. H. C. de. **Alter-Imagens: educação ambiental entre cinema e pescadores**. 2016. 189 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Educação, Centro de

Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

Dziekaniak, C., Ariza, L. y Freitas, J. (2016). As salas verdes e a formação de educadoras(es) Ambientais no Brasil. **Revista de la Facultad de Ciencia y Tecnología - Tecné, Episteme y Didaxis**, ( 41), p. 73- 86.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 58.

GUIMARÃES, L. B. Educação Ambiental, Formação Docente e Pós-Colonialismo. **Poiésis: Revista do Programa de Pós Graduação em Educação - Mestrado - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão**, v. 5, n. 2, p.78-87, dez. 2012. Semestral.

KRELLING, A. G. **Um bosque com vida: encontros e experiências através da Educação Ambiental**. 2009. 84 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

LARROSA, J. Notas Sobre a Experiência e o Saber De Experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 19, n. 0, p.20-28, jan. 2002.

LAYRARGUES, P. P. Educação ambiental no Brasil: o que mudou nos vinte anos entre a Rio 92 e a Rio+20. **Com Ciência**, Campinas, n. 136, março, 2012. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2012/03/21/educacao-ambiental-no-brasil-o-que-mudou-nos-vinte-anos-entre-a-rio-92-e-a-rio20-artigo-de-philippe-pomier-layrargues/>> Acesso em: 07 de Junho de 2018.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A.. Métodos de Coleta de Dados: observação, entrevista e análise documental. In: LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986. Cap. 3. p. 25-44

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Projeto Salas Verdes**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/educacao/salas-verdes>. Acesso em: 05 de Junho de 2017.



OLIVEIRA, H. T. de; LOGAREZZI, A. **Marcos de referência para a prática da educação ambiental**: da teoria à prática e do local ao global. São Carlos: Ufscar, 2013.

REIGOTA, M. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999a. 211 p.

\_\_\_\_\_. **O que é Educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. 110 p.

\_\_\_\_\_. **A Floresta e a Escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1999b. 174 p.

REIGOTA, M. et al (Org.). **Educação Ambiental: e práticas pedagógicas cotidianas**. São Paulo: Intermeios, 2015. 142 p.

SALA VERDE UFSC. **Informações sobre os projetos**. Disponível em: <http://salaverde.ufsc.br/>. Acesso em: 05 de Junho de 2017.

SAMPAIO, S. M. V. **Notas sobre a "Fabricação" de educadores/as ambientais: identidades sob rasuras e costuras**. 2005. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SILVA, I. S. da. Antropofagia e Educação Ambiental: tessituras interculturais. In: GUIMARÃES, L. B.; KRELLING, A. G.; BARCELOS, V. (Org). **Tecendo Educação Ambiental na arena cultural**. Petrópolis: DP et Alli, 2010.

SOUZA, E. C. de. Memória, (Auto)biografia e formação. In: CHAVES, S. N.; BRITO, M. dos R. de. **Formação e docência: perspectivas da pesquisa narrativa e autobiográfica**. Belém: Cejup, 2011. p. 37-51.